



**AVALIAÇÃO: TEORIA E
PRÁTICA**



CNPJ:	17.145.404/0001-76
Razão Social:	CENTRO EDUCACIONAL MALTA LTDA
Nome de Fantasia:	FACULDADE MALTA
Esfera Administrativa:	PRIVADA
Endereço:	Av. Barão de Gurguéia, nº 3333b, Bairro Vermelha
Cidade/UF/CEP:	TERESINA-PI. CEP: 64018-500
Telefone:	(86) 3303-5002
E-mail de contato:	maltafaculdade@gmail.com
Site da unidade:	http://www.faculdademalta.edu.br/

Sobre a Autor(a)

DAMARYS ALVES DA SILVA BARBOSA:



Graduada em Letras Português e Francês e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em Linguística, Literatura e Ensino pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo. Especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar pela Faculdade Unibf. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Piauí. Instrutora na Via Castro Consultoria e docente no Instituto Consaes.



APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

Este material didático se destina aos alunos do curso de Pedagogia da Faculdade Malta-FACMA. Torna-se de fundamental importância para o profissional da Pedagogia conhecer sobre o ensino acerca da Avaliação: Teoria e Prática, bem como os conceitos e aplicações para elaboração da avaliação da aprendizagem na escola, concepções, finalidades, funções instrumentos e critérios de avaliação. Dessa forma, são abordados conhecimentos acerca do processo de avaliação a partir de sua inserção no processo escolar, refletindo concepções, finalidades funções e orientações legais e práticas.

Unidade 1: “Ensino e Aprendizagem”. Algumas abordagens acerca do ensino e aprendizagem, atrelado ao contexto brasileiro e reflexões sobre a avaliação da aprendizagem.

Unidade 2: “Concepções e Critérios de Avaliação da Aprendizagem na Escola”. Nesta unidade são expostos conceitos, bem como os diferentes tipos de avaliação e suas funções e critérios.

Unidade 3 “O Planejamento da Avaliação”. Nesta unidade vimos a importância de se pensar a avaliação como mediadora no processo de ensino, assuntos atuais e sua relação com o fracasso escolar.

Elencamos como necessário nesse processo, a importância do planejamento da avaliação, pensando numa educação significativa para o aluno, além do aproveitamento das oportunidades de discussão com os colegas e o tutor/professor(a). Não pretendemos esgotar a discussão sobre tal temática com esta apostila, mas, buscamos incentivar à reflexão e à pesquisa para a construção de novos saberes sobre a temática. Boa aprendizagem!

Damarys Alves da Silva Barbosa



Sumário

UNIDADE 1 – ENSINO E APRENDIZAGEM	6
1. ENSINO E APRENDIZAGEM	6
2. REFLEXÕES ACERCA DA AVALIAÇÃO	10
2.1 A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL	11
3. A AVALIAÇÃO SEGUNDO BLOOM	12
UNIDADE 2 - CONCEPÇÕES E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA	17
FUNÇÕES, CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	17
A AVALIAÇÃO TRADICIONAL X MODERNA	19
ASPECTOS DA AVALIAÇÃO FORMATIVA	22
INSTRUMENTOS PARA A AVALIAÇÃO FORMATIVA	24
UNIDADE 3 - O PLANEJAMENTO DA AVALIAÇÃO	30
O PLANEJAMENTO NA AVALIAÇÃO	30
GESTÃO ESCOLAR - RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES.....	31
REFLEXÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR	33
RESUMO:	41
REFERÊNCIAS	42

UNIDADE 1 – ENSINO E APRENDIZAGEM

OBJETIVOS:

OBJETIVO 1: REFLETIR ACERCA DO ENSINO E APRENDIZAGEM

OBJETIVO 2: CONHECER A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL

OBJETIVO 3: REFLETIR ACERCA DA AVALIAÇÃO

OBJETIVO 4: ENTENDER A AVALIAÇÃO SEGUNDO BLOOM

1. ENSINO E APRENDIZAGEM

Vivemos em um mundo globalizado onde as informações fluem com rapidez e precisão, e esse avanço tecnológico no qual estamos imersos criou um mundo acelerado, comércio, saúde, prestação de serviços e educação, para que nossos filhos ingressem mais cedo na escola. Já infiltrados por informações buscam segurança nos pisos escolares por diversos motivos. Alguns são para desenvolvimento rápido, é decisão dos pais, outros são porque os pais precisam de um emprego para sustentar a família e a escola acaba sendo a melhor opção para “cuidar” dos filhos ou interesses concedendo aos filhos benefícios proporcionados pelas políticas públicas governamentais que matriculam crianças na escola como um dos padrões.

A partir desse pano de fundo, temos claramente uma mudança no ensino ou na prática docente, como muitos teóricos gostam de dizer: a prática em sala de aula baseada em realidades tecnológicas e públicos tão diversos com objetivos tão distintos traz a necessidade de recalibrar conteúdos de ensino e métodos de ensino, e os desafios surgem de tal forma que sempre questionamos " que Escolas queremos?".

De acordo com Paulo Freire, “ensinar exige apreensão da realidade”. Paulo Freire explica que o professor precisa incluir em sua experiência prática ou educacional a essência das coisas, ou seja, devemos compreender o que de fato está acontecendo em nosso meio e as relações que ali se formam. Se realmente estou ensinando um grupo de crianças, deve compreender o processo e as características da transição da heteronomia para a autonomia. Se eu trabalho em uma escola em uma comunidade urbana suburbana, eu tenho que estar lá para aprender sobre conexão, distância, dificuldades e o que socialmente atrapalha ou permite que meus alunos aprendam. Ensinar exige aventurar-se em caminhos tortuosos, mas também desafia a reflexão sobre a prática.

Para Zabala (1998) a estrutura da prática está sujeita a múltiplos determinantes, que se justificam em termos de parâmetros institucionais e organizacionais, tradições metodológicas, possibilidades práticas dos professores, meios, condições físicas existentes, etc. Pode-se pensar o ensino com base no planejamento e avaliação com base nos documentos do curso e expectativas de aprendizagem, o que contribui de fato para o funcionamento de toda a sala de aula, mas também fornece algumas crenças docentes sobre os elementos de ensino a serem estruturados.

Sacristán (2008) enfatiza que a boa e correta prática não pode ser deduzida diretamente do conhecimento científico fora de contexto. A conduta docente, a prática docente e o profissionalismo docente, antes de serem simplesmente derivados da ciência, devem basear-se no bom senso representado pelo conhecimento e sustentado pela consciência crítica e moral.

É muito importante ressaltar que para que a aprendizagem aconteça, ela deve ser significativa e produtiva, deve ser vista de fato como um conjunto de significados, relacionados às experiências anteriores e pessoais do aluno, de alguma forma proporcionar um enunciado do problema. Os desafios estimulam mais aprendizagem, criam diferentes tipos de relações entre fatos, objetos de aprendizagem, eventos, conceitos e conceitos que desencadeiam, modificam o comportamento e facilitam o uso do conhecimento aprendido em diferentes situações.

Paulo Freire já contribuiu para essa questão em seus escritos. A aprendizagem só é possível com a participação consciente das crianças como sujeitos do processo.

Imagem 1: Aprendizagem significativa



Fonte: <https://amenteemaravilhosa.com.br/aprendizagem-significativa/>

Se realmente acreditamos nisso, devemos acreditar que estamos caminhando para o processo de autoavaliação. As ferramentas de avaliação que analisamos são importantes e necessárias, mas precisam ser repensadas e reorganizadas em termos dos atuais modelos escolares e funções de avaliação.

A prova, por exemplo, é, sim, algo importante, mas avalia apenas certos aspectos da aprendizagem de determinado conteúdo. Não reflete os resultados de outros fatores que devem ser considerados ao ensinar os alunos. E com a realização da prova podemos compreender que o mais importante não é a quantidade que o aluno demonstra saber, mas sim a qualidade do que sabe e através da autoavaliação, o aluno poderá aperceber-se que é seu principal agente de avaliação.

Devemos proporcionar esses momentos ao longo do processo de aprendizagem para que tenham real significado para cada aluno. Bem, devemos

entender que nada nos motiva mais do que sentir que você é capaz e envolvido no assunto a ser estudado. Quando a aprendizagem é significativa e a avaliação é uma atividade que constrói a aprendizagem é sempre amiga da excelência operacional. A perspectiva de mudança vê o aluno ansioso para aprender e quer fazê-lo sem o medo e o peso da discriminação. Acredita-se que chegou a hora de parar de fazer a mesma pergunta sobre a avaliação e começamos a colocar em prática nossas reflexões, análises e objetivos. Procurar escolas mais interativas e inclusivas.

Tem abordado a escola como um espaço para atingir tanto o sistema educacional quanto os objetivos de aprendizagem. A escola tem, na verdade, uma tarefa muito clara, que é a transmissão e construção da cultura da ciência e da arte preparando os alunos para o trabalho, a cidadania, a vida cultural e a vida moral.

Segundo Romanowski (2007), a prática pedagógica realizada nas escolas pode ser caracterizada como tradicional, técnica, nova escola e sociocultural. A prática tradicional pretende durante a prática do professor transmitir conhecimentos que devem ser assimilados pelos alunos. Esta abordagem baseia-se na seleção de conteúdo. Os educadores dão preferência às aulas explicativas e fazem com que os alunos memorizem o conteúdo.

Quando a avaliação é rigorosa e focada na reprodução do conteúdo sempre privilegiando a reprodução da informação no método tradicional, o professor é autoritário e se considera detentor do conhecimento.

Na prática técnica, o professor torna-se instrumental, pois neste método há uma valorização da técnica aplicada ao ensino. O comportamento como ferramenta do professor requer domínio das disciplinas ministradas, conhecimento dos métodos de condução das atividades educacionais e procedimentos diagnósticos e resolução de problemas de aprendizagem. Essa abordagem visa enfatizar o desenvolvimento de aptidões e atitudes para formar profissionais para atuar no mercado de trabalho.

A Escola Nova está empenhada em promover a aprendizagem dos alunos. O professor é escolhido como um mediador para promover essa aprendizagem, sendo um facilitador, um artista que deve usar sua sabedoria, sua experiência e sua criatividade para atuar na promoção das condições para o desenvolvimento da



aprendizagem de seus alunos. A gratidão surge no ensino porque o próprio professor é o aluno.

As abordagens socioculturais consideram o coaching como um reflexo da reconstrução ou transformação social, envolvendo no contexto escolar assuntos políticos, culturais e históricos.

2. REFLEXÕES ACERCA DA AVALIAÇÃO

Na antiguidade, não havia nenhuma organização institucional da avaliação. O discípulo acompanhava o mestre, o saber transmitia-se sob forma de diálogo e interrogação. Esta abordagem supõe o sujeito como lugar de construção do saber, o que levou, por um lado, a centrar o ensino nele; mas também considerar de certa maneira, o saber como se fosse algo previamente inscrito no sujeito. (CHARDENET, 2007, p. 147)

Até meados da década de 1970, o debate sobre avaliação não era visto como uma questão relacionada ao questionamento do próprio processo avaliativo e à discussão de recompensas e punições que os alunos deveriam receber (ALVES, 2016). O resultado é um único que reflete o desempenho do aluno.

As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por debates, ideias e teorias educacionais. Foram 4.444 questões sobre propósito, métodos e instrumentos de avaliação. Muitas das ideias apresentadas durante essas décadas foram refletidas no período seguinte (ALVES, 2016).

A avaliação sempre se fez presente nos meios escolares e, ao longo da história, tem sido usada de diferentes formas, com diferentes objetivos e metodologias. Na Antiguidade não havia processos de avaliação institucionalizados.

Os primeiros processos de avaliação foram desenvolvidos nos séculos XVIII e XIX, na França, sob a inspiração do pensamento educacional francês. Ao longo dos anos, foram criados muitos outros processos de avaliação, que foram sendo aplicados em diversos lugares do mundo.



Os objetivos da avaliação podem ser variados, mas, tradicionalmente, ela tem sido utilizada para diagnosticar, encontrar problemas, orientar as atividades escolares, avaliar o desempenho de alunos, comparar alunos, classificar os resultados de avaliações anteriores e orientar ações em relação à educação.

VOCÊ SABIA?

A avaliação configura-se como uma ferramenta de coleta de dados e observações que servem como decisões futuras. Os professores do durante todo o dia escolar coletam e usam dados para tomar decisões sobre o gerenciamento da instrução em sala de aula, aprendizado do aluno e currículo. Torna-se uma ferramenta duradoura em sala de aula (RUSSELL e AIRASIAN, 2014).

2.1 A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL

Nesta unidade vamos compreender os fundamentos epistemológicos que norteiam os paradigmas acerca da avaliação da aprendizagem. Para isso, veremos um pouco da construção histórica dos processos avaliativos relacionados à aprendizagem.

Como sabemos, a educação inicial do Brasil Colonial esteve pautada na oralidade, com a finalidade de catequizar os povos indígenas. Essa educação era feita com base oral, através da fala, imagens. Os povos indígenas utilizam principalmente a oralidade na comunicação, diferente da cultura de utilização da escrita dos povos colonizadores.

A linguagem oral, de sons, sinais, são valores importantes para cultura e sua comunicação, sendo a forma como os costumes, a moral e outras práticas da comunidade indígena são transmitidos ao longo do tempo.



A aprendizagem está ligada às experiências vivenciadas no dia a dia dos indivíduos da comunidade, já que os processos cognitivos são conectados às memórias.

Com a vinda dos portugueses ao Brasil, muitos povos indígenas foram catequizados, sendo assim postos a eles outras formas de aprender. A educação jesuíta era centrada no professor como detentor de todo o conhecimento, para transmitir os saberes, por meio da leitura e escrita.

Os jesuítas ministravam as aulas em salas de aulas, em que os alunos eram organizados em classes. Realizavam exames orais, assim surge as primeiras avaliações da aprendizagem no Brasil, com esses exames orais os jesuítas avaliavam a aprendizagem dos alunos e atribuíam os níveis que cada indivíduo estava na aprendizagem.

3. A AVALIAÇÃO SEGUNDO BLOOM

A avaliação é uma das práticas pedagógicas elencadas como indispensável, pois a partir dela são fornecidas as informações sobre a aprendizagem dos alunos.

Benjamin Bloom, psicólogo educacional, é reconhecido como um importante pesquisador acerca da avaliação, objetivando que os alunos tenham pensamento crítico e autonomia para chegarem na resolução de problemas.

Bloom apresenta instrumentos para auxiliar professores para atingir os objetivos propostos pela escola, que é a aprendizagem dos alunos. Dentre esses instrumentos, citamos a taxonomia de Bloom.

A taxonomia de Bloom é dividida em três grandes domínios:

Domínio cognitivo	É relacionado à capacidade intelectual;
--------------------------	---

Domínio afetivo	Refere-se às características da sensibilidade e forma de lidar com os valores emotivos;
Domínio psicomotor	Está relacionado à competência de executar tarefas a partir do sistema motor.

A cognição é motivo de reflexão em diferentes teorias, sendo de complexa compreensão, pois a partir dos processos cognitivos pode ser compreendida a aprendizagem, desenvolvendo competências intelectuais e emocionais.

De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo acontece através de relações sociais, enfatizando a interação entre os indivíduos e o meio.

Para Bloom, é necessário que a criança entenda como o processo de aprendizagem ocorre, para que esta possa aplicar as habilidades desse conhecimento.

O processo cognitivo acontece em 6 etapas: conhecer ou memorizar, compreender, aplicar, analisar, avaliar e criar.

Imagem 2: taxonomia de Bloom

Memorizar	Compreender	Aplicar	Analisar	Avaliar	Criar
Listar	Esquematizar	Utilizar	Resolver	Defender	Elaborar
Relembrar	Relacionar	Implementação	Categorizar	Delimitar	Desenhar
Reconhecer	Explicar	Modificar	Diferenciar	Estimar	Produzir
Identificar	Demonstrar	Experimentar	Comparar	Selecionar	Prototipar
Localizar	Parafrasear	Calcular	Explicar	Justificar	Traçar
Descrever	Associar	Demonstrar	Integrar	Comparar	Idear
Citar	Converter	Classificar	Investigar	Explicar	Inventar



Fonte: <https://blog.jovensgenios.com/taxonomia-de-bloom-na-avaliacao-dos-alunos/>. 2022

O processo de conhecer ou memorizar é uma etapa de suma importância, já que a memória é entendida como um armazenamento de informações, e, estes conhecimentos armazenados na memória nos permite outras capacidades ao utilizá-los.

Imagem 3: memória



Fonte: <https://gersonaragao.jusbrasil.com.br/artigos/469949947/o-que-sao-gatilhos-de-memoria-e-como-usa-los>. 2022

O conhecimento exige uma ativação da memória com as lembranças de algo exposto e também de como foi exposto.

O processo cognitivo, relacionado à etapa da compreensão, refere-se à capacidade de entender o conteúdo passado ao ponto de poder elaborar a informação ou modificar a informação original. Assim, quando se compreende o assunto, você pode reproduzi-lo de diferentes maneiras.

A etapa de aplicação diz respeito à habilidade de usar os conhecimentos compreendidos em situações concretas.

O processo cognitivo referente a etapa da análise, está ligado à habilidade de comparar o conhecimento passado com outro conhecimento.

A etapa da avaliação requer que o aluno compreenda se o conhecimento está correto ou errado, assim, podendo avaliar as informações.



Por fim, a etapa da criação refere-se à capacidade de ter domínio do conhecimento, podendo reproduzi-lo, falar sobre a informação, comparar e criar novos conhecimentos.

4. SUGESTÕES DE LEITURA

PERRENOUD, Philippe. Avaliação. [Minha Biblioteca].

5. RESUMO

- A avaliação do aprendizado do aluno não começa, muito menos termina, ao avaliar o aprendizado.
- A educação inicial do Brasil Colonial esteve pautada na oralidade, com a finalidade de catequizar os povos indígenas.
- Os objetivos da avaliação podem ser variados, mas, tradicionalmente, ela tem sido utilizada para diagnosticar, encontrar problemas, orientar as atividades escolares, avaliar o desempenho de alunos, comparar alunos, classificar os resultados de avaliações anteriores e orientar ações em relação à educação.
- Para Bloom o processo cognitivo acontece em 6 etapas: conhecer ou memorizar, compreender, aplicar, analisar, avaliar e criar.

UNIDADE 2 - CONCEPÇÕES E CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA

OBJETIVOS:

OBJETIVO 1: CONHECER FUNÇÕES, CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.

OBJETIVO 2: COMPREENDER A AVALIAÇÃO TRADICIONAL X MODERNA

OBJETIVO 3: ASPECTOS DA AVALIAÇÃO FORMATIVA

FUNÇÕES, CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Segundo Hoffmann (2012), a concepção tradicional das escolas valoriza os processos competitivos fundamentados no certo e errado. Valorizam os acertos nas atividades dos alunos e consideram muitas vezes o erro como inaceitável. Eventualmente o professor motiva o aluno, quando este expõe uma resposta diferente do que lhe foi proposto.

Quando uma criança diz que “4+2=5”, a melhor forma de reagir invés de corrigi-la, é perguntar-lhe: – Como foi que você conseguiu 5? As crianças corrigem-se frequentemente de modo autônomo, à medida que tentam explicar seu raciocínio à outra pessoa. Pois a criança que tenta explicar seu raciocínio tem de descentrar para apresentar a seu interlocutor um argumento que tenha sentido. Assim, ao tentar coordenar seu ponto de vista com o do outro frequentemente ela se da conta de seu próprio erro (KAMII, apud HOFFMANN, 2012, p.106)



A avaliação, de acordo com Haydt (2000), Sant'Anna (2001), Luckesi (2002) divide-se em três modalidades. Dentre as modalidades está a avaliação somativa ou classificatória.

Quadro 1: Modalidades de avaliação da aprendizagem

Modalidade	Função	Objetivo	Época
Diagnóstica	Diagnosticar	Verificar	Início e durante do módulo
Formativa	Controlar	Constatar	Durante o módulo de estudos
Somativa	Somar	Classificar	Final do ciclo de estudos, módulo

Segundo Haydt (2000), a avaliação somativa tem a finalidade de classificar os alunos ao final da unidade, semestre ou ano letivo, de acordo com os níveis de aproveitamento apresentados. A avaliação somativa objetiva a classificação da aprendizagem do aluno para determinar se ele será aprovado ou reprovado e esta avaliação está relacionada à noção de medir. A avaliação somativa propõe a soma.

Medir significa determinar a quantidade, a extensão ou o grau de alguma coisa, tendo por base um sistema de unidades convencionais. Na nossa vida diária estamos constantemente usando unidades de medidas, unidades de

tempo. O resultado de uma medida é expresso em números. Daí a sua objetividade e exatidão. A medida se refere sempre ao aspecto quantitativo do fenômeno a ser descrito (HAYDT 2000, p. 9).

Há ainda outras concepções de avaliação além da somativa e/ou classificatória, como também as denominadas de avaliação formativa.

Formativa tem como função informar o aluno e o professor sobre os resultados que estão sendo alcançados durante o desenvolvimento das atividades; melhorar o ensino e a aprendizagem; localizar, apontar, discriminar deficiências, insuficiências, no desenvolvimento do ensino-aprendizagem para eliminá-las; proporcionar feedback de ação (leitura, explicações, exercícios) (SANT'ANNA, 2001, p. 34).

A avaliação diagnóstica, constituída por uma sondagem, da situação inicial da aprendizagem do aluno, fornecerá elementos para verificar o que aprendeu. É uma etapa fundamental no processo educacional que objetiva a verificação dos conhecimentos anteriores do aluno e possibilita o planejamento para selecionar dificuldades encontradas.

Não é apenas no início do período letivo que se realiza a avaliação diagnóstica. No início de cada unidade de ensino, é recomendável que o professor verifique quais as informações que seus alunos já têm sobre o assunto, e que habilidades apresentam para dominar o conteúdo. Isso facilita o desenvolvimento da unidade e ajuda a garantir a eficácia do processo ensino – aprendizagem (HAYDT, 2000, p. 20).

Os professores podem, a partir da avaliação diagnóstica, reajustar os planos de ação das aulas, por isso esta avaliação deve ser realizada no início do ciclo de estudos.

A AVALIAÇÃO TRADICIONAL X MODERNA

No que diz respeito à "avaliação não tradicional", todos os modelos utilizam a avaliação como parte do processo de aprendizagem. Segundo Lacueva (1997), a avaliação deve ser de natureza formativa, no sentido de que tenta orientar o

desenvolvimento do aluno, apontando acertos e fracassos, avanços e deficiências. Não adianta falar em avaliação somativa se a decisão final é tomada a partir do progresso e desenvolvimento do aluno.

As avaliações tradicionais utilizam os erros dos alunos como um fator importante na atribuição de notas e, quando podem ser entendidos como parte do processo, são necessários para compreender as deficiências e superar as condições atuais. “Aqui é preciso refletir sobre o conceito de 'erros'. Moretto explica que “nem sempre se busca a razão do erro. Muito menos se faz dele um ponto de partida para a busca do acerto” (2001, p. 68). Em um ambiente escolar, os erros são muitas vezes vistos como males a serem eliminados a todo custo. Os erros são marcados em vermelho, geralmente com uma caneta vermelha com uma 'cruz' (X), para que os Alunos fiquem claros.

APROFUNDANDO O ASSUNTO

"Os exames são pontuais, não levam em conta o aluno antes e depois da prova, são seletivos e excludentes. Já a avaliação está a serviço de um projeto pedagógico construtivo, que olha para o ser humano como alguém em construção permanente". (LUCKESI, 1982)

A avaliação de atividades complexas deve ser baseada na suposição de que geralmente não há uma resposta certa, como são frequentemente as avaliações tradicionais (Lacueva, 1997).

Alunos e professores propõem-se desafios: aqueles desejam que as situações de avaliação sejam criativas, desafiadoras, coparticipadas, que valorizem a construção do conhecimento e a aprendizagem; estes aspiram a inovações na sistemática da avaliação e nos instrumentos que utiliza, assim como o estabelecimento da relação teoria e prática.(Camargo, 1996, p.21)

Os meros métodos avaliativos não se enquadram principalmente no modelo de avaliação tradicional ou não tradicional, pois o acompanhamento do processo de aprendizagem pelo professor está por trás da aprendizagem que favorece e amplia as possibilidades da aprendizagem "não tradicionais". feedback de cada aluno e avaliação, que deve ser contínua.

A avaliação tradicional, que está relacionada aos princípios de classificação, impede o professor de corrigir e registrar numericamente, e ainda que o professor tente esclarecer as dúvidas, a nota dada anteriormente não será alterada. Segundo Hoffman (2000), o sistema é perigoso porque ignora o princípio evolutivo da aprendizagem.

Podemos incluir como avaliação alternativa a avaliação continuada, em que se usam trabalhos escritos mais extensos e projetos substanciais no intuito de incentivar a pesquisa, confrontar ideias e compreender como o aluno constrói o conhecimento; portfólios, que são fichas de registro de resultados obtidos pelos alunos, que acompanhem o processo de aprendizagem e evolução do aluno; e testes autênticos usando materiais ou contextos similares àqueles nos quais o conhecimento e as habilidades serão aplicados. (LUDKE, 1995, p. 53)

Segundo Lacueva (1997), recomenda-se a avaliação qualitativa do professor, pautada pelo que foi alcançado e pelo que ainda precisa ser alcançado, evitando-se uma organização artificial dos alunos por notas.

A avaliação propriamente dita consiste na avaliação que deve ser levada a efeito após o estudo de um tema ou unidade. É a avaliação que procura inteirar-se a respeito do que foi efetivamente aprendido após o término de um estudo. Esta é a avaliação que deve orientar o julgamento do educando quanto a promoções, término de cursos ou habilitações profissionais. É a avaliação que ocasiona consequências para o educando, mas deve ser, também, a avaliação que oriente mais profundas e sérias modificações nos planejamentos e na execução dos mesmos, a fim de melhor ajusta-los à realidade dos educandos e do meio. As provas e os exames são os que mais fornecem dados para esta modalidade de avaliação. (NÉRICI, 1988, p. 190)

Embora o Nérici afirme posteriormente que outras fontes também devem ser consideradas para "julgar" o aluno – tendo caído na imagem das avaliações – ele não deixa de ser categórico: é a avaliação (em si) que orienta a decisão. acompanhar o progresso do professor, ou seja, todo o aluno, perde sua validade antes de verificar



informações precisas. No entanto, a preocupação de Nérici com a qualidade do ensino não pode ser ignorada, mas pensar a avaliação principalmente como uma verificação da vicissitude do processo, para que essas informações possam ser usadas para informar currículos futuros, faz com que o modelo perpetue uma falsidade, que visa distinguir a avaliação como parte do processo de aprendizagem, ou seja, consequências positivas para a aprendizagem dos alunos.

ASPECTOS DA AVALIAÇÃO FORMATIVA

O conceito de avaliação formativa foi introduzido por Scriven em 1967. Em seu trabalho sobre cursos e programas, o autor defende que o objetivo da avaliação é sempre o mesmo: apreciar o valor, ou seja, julgar, formar juízos de valor. Para atingir esses objetivos, no entanto, é necessário que o avaliador exerça julgamento, e os dados obtidos da avaliação devem ser usados de forma construtiva para fazer as mudanças necessárias para melhorar o plano.

Nessa ótica, a avaliação formativa em ambiente de ensino caracteriza-se como procedimental, ou seja, permite que professores e alunos interajam durante todo o processo de ensino, pois auxilia os envolvidos a compreender o que foi alcançado, o esforço, e, desenvolver o que ainda não foi alcançado.

Bloom (1983, p. 9) afirma que “a avaliação é a coleta sistemática de dados a fim de verificar se de fato certas mudanças estão ocorrendo no aprendiz, bem como verificar a quantidade ou grau de mudança ocorrido em cada aluno”.

Neste contexto, a avaliação formativa tem a função de fornecer feedback à medida que o aluno progride, ou levantar dificuldades durante a fase de aprendizagem de uma componente considerada importante na unidade de estudo. A partir disso, a tarefa do professor é especificar formas de modificar os alunos e tomar uma série de decisões (materiais a usar, métodos mais adequados, atividades desenvolvidas pelo aluno) para aprender da maneira desejada ou procedimentos de avaliação formativa que fornecem os elementos.

Nessa perspectiva, Bloom (1983) argumenta que comunicar com os alunos dados sobre seu progresso é a essência da avaliação formativa. Dessa forma, as



avaliações subsidiam as intervenções que ocorrem durante a formação do aluno, com o objetivo de melhorar o processo de ensino. Além disso, o autor afirma que é contra os sistemas educacionais que utilizam a avaliação de forma categórica e garante que o impacto negativo do sistema na aprendizagem ou no bem-estar dos alunos muitas vezes não passa despercebido pelos responsáveis pelo processo. Os dados da avaliação são usados apenas para categorização. A finalidade afeta o potencial da instância mediadora da avaliação formativa, reduzindo assim a eficácia do processo de ensino e prejudicando a aprendizagem efetiva dos alunos.

Na avaliação formativa, os professores tornam-se pesquisadores da prática docente.

Conscientizar-se de que sua atividade tem por objetivo “iluminar” a realidade de aprendizagem de seu aluno – Quando o docente avalia, acende uma lanterna para iluminar seu caminho de investigador, pois assim é mais fácil saber onde pisa, vislumbrar outros percursos possíveis e escolher estratégias para chegar ao seu objetivo, a aprendizagem do educando.

Comprometer-se com uma visão pedagógica que leve em consideração o fato de que o ser humano sempre pode aprender. Já sabemos que a prática da avaliação tem relação direta com as ideias pedagógicas dos responsáveis por ela (professores, coordenadores, pedagogos). Assim, o comprometimento não é somente com a avaliação, mas com uma prática pedagógica de qualidade.

Estar ciente de que a construção do conhecimento depende tanto da exposição teórica de conteúdos quanto dos instrumentos utilizados para abordá-los na prática, além de algumas outras variáveis – A avaliação é resultado de uma soma de fatores: a forma que o professor escolheu para avaliar, as ideias pedagógicas que permeiam essa escolha, as considerações acerca dos instrumentos utilizados, as datas de aplicação destes, a relação do aplicador com os educandos, entre outros fatores.

Ter a noção clara de que a prática avaliativa vinculada à aprendizagem só faz sentido se for parte de um processo e também se fornecer uma posição sobre a aprendizagem final do aluno – A avaliação é realmente parte do processo educativo e deve ser entendida como uma prática que pode ser corrigida, reavaliada, retomada. Por outro lado, como os tempos da escola são limitados, é preciso apresentar ao educando um resultado final e uma certificação, que devem constituir-se em um testemunho da aprendizagem satisfatória obtida. (LUCKESI, 2011, p. 175)

Sendo o objetivo principal de uma escola, que os alunos aprendam e se desenvolvam como resultado, a avaliação deve servir a essa suposição. Portanto, deve formar um ato de indagação sobre a qualidade da aprendizagem dos alunos,



configurar-se como uma avaliação diagnóstica e, assim, inspirar recomendações de ações para aproximar o desempenho real dos alunos do nível que se gostaria que eles alcançassem (LUCKESI, 2011 , pág. 175).

INSTRUMENTOS PARA A AVALIAÇÃO FORMATIVA

De acordo com a teoria, existem várias ferramentas de avaliação que um professor pode utilizar no ensino-aprendizagem. Durante o período de aprendizagem, os instrumentos de avaliação podem ser utilizados de forma a fornecer informações ao professor para que este possa determinar a melhor forma de o aluno transmitir o seu conhecimento.

Segundo Luckesi:

O critério que viabiliza a seleção do instrumento a ser utilizado, bem como de sua configuração, tem sua fonte no próprio objeto de investigação. O avaliador, como um investigador, escolhe e constrói o instrumento de coleta de dados comprometido como que deseja investigar. (LUCKESI, 2011, p. 337)

Como exploramos anteriormente, a avaliação deve ser contínua e contínua durante todo o processo de ensino. E para colaborar nesse processo contínuo, podemos citar algumas ferramentas que os professores usam para fazer essas avaliações, como: trabalhos, exercícios, seminários, discussões, trabalhos em grupo, mapas conceituais, portfólios, etc. Zanon e Althaus (2008 apud PAIXÃO; RAYMUNDO, 2012, p. 294) expõem como exemplos: a prova objetiva; a prova discursiva; a prova oral; as produções coletivas; os seminários; e os portfólios.

Em relação ao desenvolvimento de instrumentos de coleta de dados para avaliação da aprendizagem, Luckesi (2011, p. 362) aponta alguns critérios em relação às questões que devem abranger todo o conteúdo, ter o mesmo nível de dificuldade, a mesma complexidade, utilizar as mesmas concepções metodológicas, conteúdo de aprendizagem, está estruturado em uma linguagem clara e compreensível, contém diferentes graus de dificuldade, é preciso, competente e confiável na coleta de dados, ajuda o aluno a aprimorar seus conhecimentos e habilidades.

A avaliação: é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos. No sentido escolar, ela só deve acontecer para haver intervenção no processo de ensino e aprendizagem. Entende-se intencionalidade, como o desejo traduzido em práticas concretas, visto que, quando a dificuldade é localizada, o professor precisa se comprometer com a busca de uma estratégia e com a superação da barreira e aponta o diálogo como um instrumento de avaliação. (VASCONCELLOS, 1994, p. 43)

Vale ressaltar que o uso da coleta de dados de desempenho dos alunos mostra o cuidado do professor no ensino, aprendizagem e avaliação, em que ele coleta informações necessárias à prática pedagógica. Portanto, é importante considerar os critérios da metodologia científica ao projetar uma ferramenta de coleta de dados.

1.1 PROVA PRÁTICA

Neste tipo de exame, o aluno enfrenta um problema que deve ser resolvido com compreensão do material, familiaridade com elementos visuais. Ao comparar os conhecimentos e as habilidades adquiridas para realizar determinada tarefa, deve-se considerar tanto os processos (e a sequência de movimentos necessários para realizá-los) quanto os produtos obtidos por meio de tais processos. Esta última pode ser específica (reação obtida em laboratório, investida no domicílio.) e como resultado analisada quantas vezes forem necessárias sem alterar sua apresentação; ou imaterial (uma música interpretada ou cantada), facilmente transformada em segunda ou terceira manifestação e onde o processo e o produto dificilmente podem ser analisados separadamente (dança, natação, futebol, basquete).

Imagem 5: A prática da avaliação formativa



Fonte: https://br.freepik.com/vetores-premium/aula-de-quimica-ciencia-criancas-meninos-e-meninas-fazendo-testes-de-pesquisa-em-desenho-animado-de-ilustracao-de-fundo-de-laboratorio-escolar_12277717.htm

3.3 PROVA ESCRITA – EXAME

Alguns professores se preocupam em encontrar o modelo de avaliação ideal, que geralmente envolve a elaboração de testes eficazes, incluindo a vinculação da avaliação a testes/exames. De acordo com Ludke (1995), o termo avaliação é muitas vezes visto como uma identificação redutiva com o conceito de evidência. Camargo (1997) discute em sua pesquisa vários resultados negativos da experiência de avaliação do aluno, onde seu principal papel era normalizar o comportamento e o processo de conhecimento dos alunos.

Em seu artigo, Costa (1995) analisou exclusivamente o instrumento "teste", negligenciando algumas questões que seriam necessárias para a avaliação educacional. O autor define o teste objetivo como até mesmo o mais eficaz, fornecendo ao educador um suporte objetivo para reflexão e tomada de decisões que levem a melhores resultados de aprendizagem. Não há crítica a priori ao analisar os



testes como instrumento de avaliação, pois o foco da análise não são os instrumentos existentes em si, mas sua utilização nas atividades de aprendizagem.

No entanto, é importante considerar algumas deficiências persistentes que esses exames condenam na prática do dia a dia das aulas, como o estresse do aluno durante vários dias de exames, a seleção aleatória de questões em que o assunto pode não ser o que o aluno domina. e/ou lembre-se do uso generalizado de "chaats" e do uso exclusivo principalmente de provas/exames, sem o interesse do professor em observar o pensamento do aluno, como ele edifica seu conhecimento e onde existem lacunas nesse processo.

Os testes de discurso possibilitam a improvisação porque são fáceis de manipular pelo professor, no entanto, o aluno geralmente recebe feedback sobre seu desempenho para saber se cada resposta estava correta ou incorreta. Segundo Abreu e Masetto (1990, p. 100), no exame oral são avaliados conhecimentos, opiniões, julgamentos, habilidades de expressões orais, ideias, soluções criativas. Mas tem limites como a alta subjetividade, a simpatia entre o pesquisador e o pesquisado e as próprias reações dos alunos, como barreiras para responder. No caso de testes de múltipla escolha, a resposta correta, maniqueísta, é preferida em detrimento de ideias contrastantes, explicações de hipóteses apresentadas e ampliação do conhecimento (Andrade, 1999, p. 29)

Nérici (1993) explica que as questões "objetivas" são parte importante da prova, pois somente elas poderiam abranger a amplitude do assunto, enquanto as questões discursivas garantiriam a profundidade do conhecimento. As vantagens das "perguntas objetivas" na avaliação da aprendizagem são inegáveis, pois permitem um exame mais amplo e detalhado do assunto.

A verificação com 'perguntas objetivas' garante as notas atribuídas aos alunos, ao contrário das teses, onde uma expressão não expressiva pode sempre ter um sentido ou propósito implícito" (Nérici, 1988, p. 199). A única ressalva é que Nérici (1988) dá a possibilidade para questões objetivas que o aluno obterá a resposta certa por sorte e não pelo domínio do assunto.



3.4 APRESENTAÇÃO – SEMINÁRIO

O objetivo da atividade é a prática avaliativa, então entendemos que o professor, se utilizar a prova como único método avaliativo, não fornece ao aluno elementos de diversas experiências avaliativas para adquirir habilidades que possibilitem um bom desempenho.

Enfrentando vários desafios no mundo profissional. Sabe-se que especialistas em diversas áreas no mercado de trabalho devem dominar não apenas as competências básicas de sua profissão, mas também aquelas que são um suporte estratégico para o bom desempenho no trabalho.

A estratégia do seminário é bem conhecida pelos estudantes universitários. Mas isso não significa que reconheçam a importância da técnica; nem mesmo que a vejam com bons olhos. Provavelmente porque nenhuma estratégia de ensino tenha sido tão mal utilizada pelos professores. (GIL, 2009, p. 172)

O uso da tecnologia do seminário como procedimento de avaliação que permite ao aluno desenvolver habilidades e habilidades relacionadas à pesquisa, independência na busca de informações, trabalho em equipe, comunicação e o posicionamento verbal crítico/reflexivo do aluno na organização do processo de estudo e resultado, ofereceu trabalho.

Masetto, Gil (2009) afirma que, embora o uso da tecnologia de seminários seja uma prática bastante conhecida no Ensino Superior, na maioria das vezes é muito pouco definida e desenvolvida, um fator que possibilita o uso precário na Educação Básica. Tanto o professor quanto o aluno estão se comportando relativamente mal em relação ao objetivo pedagógico dos muitos propósitos de usar o seminário como procedimento de avaliação e construtor de conhecimento.

3.5 RELATÓRIO

É um método de avaliação conhecido por uma redação escrita que utiliza um texto coerente para resolver um problema individual ou coletivo, que pode ser realizado em sala de aula e também fora dela. Oferece ao aluno a habilidade de pensar na solução de um problema para justificar seus caminhos e aprimorar seus conhecimentos.

A redação de relatórios desenvolve a capacidade de raciocínio e pesquisa, determinação, responsabilidade e oferece ferramentas para a inovação no desenvolvimento de tarefas no campo das ciências naturais.

Relatórios são encontrados em vários campos da atividade humana, como acadêmico, científico, acadêmico, profissional, político e burocrático. Devido a essa variação, existem vários relatos. Beltrão e Beltrão (2005) listam em seu livro de cartas comerciais: gestão, visita, rotina, consulta, levantamento parcial e relatório científico. Bonilla e Gianetti (2008) também falam sobre relatórios acadêmicos, escolares e gerenciais. Passos e Santos (1998) acrescentam diário de viagem, prática, visita e administração. Há também relatórios de despesas, relatórios de responsabilidade, relatórios legais, e a lista provavelmente poderia continuar.

2.5 SUGESTÕES DE LEITURA

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Documentação Pedagógica e Avaliação na Educação Infantil: um caminho para a transformação. PENSO, 2019.

RESUMO

Há diferentes tipos de avaliação, para isto, é de extrema importância conhecer cada um, e a partir dos objetivos pretendidos, adotar a forma avaliativa que mais se adequa ao contexto escolar da turma em questão.

Abordou-se três modalidades de avaliação da aprendizagem: diagnóstica, formativa e somativa. Damos ênfase à avaliação formativa por acontecer durante todo o módulo de ensino, e apresentamos algumas possibilidades de avaliação, como: prova prática, prova escrita, apresentação e relatório.

UNIDADE 3 - O PLANEJAMENTO DA AVALIAÇÃO

OBJETIVOS:

OBJETIVO 1: ENTENDER ACERCA DO PLANEJAMENTO AVALIATIVO.

OBJETIVO 2: COMPREENDER O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR.

OBJETIVO 3: REFLETIR SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

OBJETIVO 4: CONHECER A AVALIAÇÃO MEDIADORA

O PLANEJAMENTO NA AVALIAÇÃO

Segundo Freitas (2008) não há uma fórmula específica para o professor realizar uma boa Avaliação. Assim, cabe ao professor realizar o planejamento das avaliações de forma que concisa e eficaz, diante dos múltiplos desafios da prática educadora, pois como pontua Santos (2015), o planejamento é uma etapa fundamental no processo de avaliação.

Sabe-se que tendo uma diversidade de instrumentos, é possível abraçar todas as facetas de um estudante. A avaliação da aprendizagem deve acontecer de maneira coerente e consciente.

“A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma; está delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica. (CALDEIRA, 2000, p. 122)

Luckesi (2002, p.33) entende que a:

(...) avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a

respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. A avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão.

A avaliação não deve assumir caráter disciplinador, como cita Freitas (1995):

A avaliação não se restringe a instrumentos de medição, mas acaba sendo configurada como instrumento de controle disciplinar, de aferição de atitudes e valores dos alunos (1995, p.63)

APROFUNDANDO O ASSUNTO:

Sousa e Oliveira (2010, p. 794) explica que:

[...] a partir da década de 1990, a avaliação de sistemas escolares passou a ocupar posição central nas políticas públicas de educação, sendo recomendada e promovida por agências internacionais, pelo Ministério da Educação e por Secretarias de Educação de numerosos estados brasileiros, como elemento privilegiado para a realização das expectativas de promoção da melhoria da qualidade do ensino básico e superior.

GESTÃO ESCOLAR - RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES

A avaliação educacional tem caráter instrumental e socioeducacional, sendo uma forma de controle, avaliação e recuperação dos resultados do ensino. A busca pelos ensinamentos da avaliação é uma constante nos ambientes escolares, onde aferição, avaliação, supervisão e controle são papéis essenciais. Embora o termo "avaliação" possa ter um significado diferente em cada gestão escolar.

A avaliação da aprendizagem se caracteriza a partir da perspectiva mediadora pelo acompanhamento contínuo da aprendizagem, realizada por meio de



intervenções que visam orientar e promover a melhoria do desempenho e o realinhamento de práticas pedagógicas.

A avaliação educacional tornou-se um fenômeno cada vez mais presente nos ambientes escolares, sendo fortalecida com visões de acompanhamento contínuo e intervenção. Outro elemento importante para a avaliação educacional é a inserção de outra modalidade de avaliação educacional nos sistemas e escolas, a chamada de avaliação externa ou avaliação em larga escala, elaborada fora do ambiente escolar por grupos de estudiosos ou instituições com certo distanciamento do ambiente escolar.

Durante os anos 1980, a preocupação com a qualidade do ensino no Brasil era mais intensa por meio da realização de avaliações externas. A primeira delas foi o Sistema de Avaliação do Ensino Público (Saep), criado no ano de 1980. Esse sistema, posteriormente transformado em Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), foi o primeiro passo para o monitoramento da qualidade do ensino no Brasil.

No começo dos anos 1990, a Avaliação Anual da Educação Básica (AEB) tornou-se uma ferramenta de pesquisa importante para as iniciativas governamentais. A magnitude desta avaliação fez com que os professores se concentrassem mais nos resultados e procurassem melhorar os processos educacionais. Ao mesmo tempo, esta avaliação tornou-se um desafio para as principais instituições educacionais da época, buscando democratizar as escolas e promover reformas que tornassem o ensino mais eficiente.

Atualmente, para as escolas públicas brasileiras, os estudos e análises referentes às avaliações externas envolvem uma ampla variedade de temas e objetivos, tais como o perfil do aluno brasileiro, as suas reais necessidades educacionais e o seu desenvolvimento, além de avaliar a apropriação dos resultados destas avaliações pelas equipes gestoras nas escolas.

Além disso, os dados relatados por estas avaliações externas podem se tornar um importante fator para os gestores nas escolas, pois podem enriquecer seu conhecimento sobre as necessidades dos seus alunos e fazer uma gestão integral das aulas.



REFLEXÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

Considerando a história da educação, o fracasso escolar esteve atrelado ao sujeito enquanto responsável de seu mau desempenho escolar, ligado a fatores como a faixa etária, as condições socioeconômicas e o desinteresse em frequentar a escola.

A facilidade de fracasso escolar está ligada a fatores como a faixa etária, as condições socioeconômicas e o desinteresse em frequentar a escola. Segundo o objetivo deste trabalho, neste artigo será mostrado como estas variáveis tornaram-se fatores determinantes para o fracasso escolar, bem como como estas mesmas variáveis influenciam o desenvolvimento individual.

Os estudiosos reconhecem que a desigualdade é um fator importante para aumentar o risco de fracasso escolar, devido às diferenças que persistem entre as crianças de classes sociais favoráveis e menos favoráveis. Os círculos de conforto e os privilégios dos membros de uma sociedade favorável podem ajudar as crianças a lidar com dificuldades, mas não são suficientes para enfrentar todos os obstáculos apresentados pela vida escolar. Os ricos passam a maior parte do tempo escolar sendo motivados pela incitação dos pais, dos amigos e dos professores. Essas pessoas estão habituadas a lidar com problemas deles e fornecem às crianças uma sensação de segurança. Já as crianças pobres apresentam menor incidência de pais ativos nos seus contatos e costumam ser motivadas pelo sentimento de vulnerabilidade e pelo medo de fracassar.

Imagem 4: Fracasso escolar



Fonte: <https://educandocompsicologia.com/2019/09/19/7-maneiras-de-ajudar-um-aluno-a-lidar-com-a-frustracao/>

Os motivos do fracasso escolar estão relacionados à falta de compreensão do real papel da escola enquanto espaço de socialização do conhecimento e ainda às estratégias de rejeição de estudos e projetos legitimados por teóricos e outros profissionais que atuam na área da educação.

Segundo estes autores, a escola é espaço privilegiado para a formação do espírito crítico e atualizado, mas muitos garotos e garotas acabam evitando este ambiente diário de aprendizado, optando por estudos menos complicados e com maior participação da família. Sendo assim, os fatores que se associam a este fracasso podem ser divididos em quatro grupos: a falta de interesse e motivação, a ausência de apoio da família, a relação dupla – trabalho e escola, e a impossibilidade de se relacionar com outras pessoas.

Muito do que se produz cientificamente sobre fracasso escolar não é discutido e aplicado em sala de aula por rejeição à teoria. Fracasso escolar é um fenômeno

social, e não apenas uma questão científica. (GATTI et al., 1981; SOUZA et al., 1994; PATTO, 1996; SAWAYA, 2000; CABRAL, SAWAYA, 2001).

O fracasso é visto como uma influência significativa sobre os procedimentos educativos que proporcionam o aprendizado significativo e produtivo. Podemos elencar questões familiares, a sociedade em geral, assim como as crenças, os valores e as práticas dos professores em relação a como lidar com alunos que apresentam baixo desempenho e que possuem padrões culturais e sociais diferentes daqueles que serão transmitidos pela escola. Embora os professores estejam atentos a essas influências, ainda há muito que ser feito para melhorar o desempenho dos alunos e para amenizar os efeitos desses fatores sobre os adolescentes.

Nesse contexto, os meios tecnológicos já estão cada vez mais presentes nas salas de aula, podendo ser mais adequados para serem utilizados em projetos didáticos. Existe uma justificativa para o uso de tecnologias: despertar o interesse dos estudantes em selecionar e planejar seus objetivos, estimular sua interação com outros professores e outros alunos, auxiliar na organização das aulas, melhorar a produtividade e economia dos esforços para os alunos, auxiliar na memória visual do estudante, facilitar a elaboração de cartazes, banners, vídeos e outros materiais informativos, auxiliar na comunicação administrativa entre disciplinas, promover o ensino a distância etc.

No entanto, há também alunos sociais altos que fracassam escolarmente. Assim como acontece com os outros indivíduos, a causa do fracasso escolar para estes alunos é variada, mas geralmente se encontra associada às mesmas variáveis relacionadas aos outros estudantes. Por exemplo, ao fracassarem nas classes sociais superiores, os alunos sociais altos tendem a ter excesso de cobranças dos pais, busca incansável pelo diploma sendo porta para bons empregos, influências profissionais, prestígio, reconhecimento na sociedade e sequência em negócios e empreendimentos familiares.

A responsabilidade concreta da escola pode ser vista em duas dimensões, uma relacionada à qualidade do ensino prestado e outra que se refere à relação do aluno com a escola. A primeira dimensão refere-se à formação dos professores, à infraestrutura do colégio, à gestão escolar, à operação da disciplina, ao uso do tempo nas aulas, à organização das atividades extraescolares na mesma escola, etc. As



características desta equipe docente influenciam diretamente no desempenho do aluno, podendo ser um fator determinante para a manutenção ou reversão da baixa pontuação escolar. Já para a dimensão relativa ao aluno como personagem central envolvido nas relações que se concretizam na escola, há a necessidade de se observar seu perfil socioeconômico, cultural e profissional, bem como as relações que ele estabelece com os outros alunos. (GATTI et al., 1981; SOUZA et al., 1994).

Uma das alternativas de leitura de textos é analisar a relação entre o autor e o leitor, isto é, distinguir as características do contexto do texto, que pode influenciar no que ele diz, do que ele faz. No caso do texto que estamos a ler, é possível observar alguns padrões de relação entre o autor e o leitor: o autor assume o controle da narrativa, exhibe os pontos de vista de um personagem frontalmente e fala basicamente do que ele mesmo viu. Além disso, as informações são transmitidas de forma semântica, sem destaque das palavras, causando um grande risco de interpretação inadequada. (CABRAL; SAWAYA, 2001)

Não bastando explicar as dificuldades de aprendizagem é preciso, também, abordar a elaboração de metodologias novas capazes de trazer aprendizagem e qualidade de vida aos alunos. Essa abordagem deve ser enfocada voltada para as necessidades e necessários fatores de sucesso de cada aluno, para que, em vez de um sistema baseado em dogmas e expectativas muitas vezes negativas, as Escolas tivessem procedimentos assegurados ao aluno que lhe dê mais autonomia e responsabilidade no aprendizado.

Recentemente, as discussões sobre a importância da educação para as nações têm ganhado mais espaço e destaque na mídia. Alguns especialistas têm argumentado que a educação é um requisito essencial de uma mesma sociedade que pretende se tornar mais sustentável e justa. Dentre estes, destaque para os educadores e historiadores, pois segundo eles, o acesso à educação é um fundamento para a mudança social.

Uma pesquisa realizada pela United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) mostra que os países melhores no que diz respeito à educação têm acima de 50% o índice de paz e de prosperidade. Segundo a mesma



pesquisa, aqueles que têm uma educação superior apresentam baixos índices de pobreza, hiperinflação e desigualdade social.

Outros autores também apresentam a visão de que o fracasso escolar está relacionado a inúmeros fatores, como o ambiente físico, questões econômicas e socioculturais do aluno, até os elementos como a aparência física, local sujo em vive, a desestrutura familiar e até mesmo a relação deste aluno com professores recriminadores e autoritários.

No contexto escolar, o fracasso traz esta mesma concepção: é o reflexo da situação social baixa, da desestrutura familiar, da falta de acompanhamento de pais e de condições precárias de vida, além da falta de competência pedagógica dos professores, salas cheias de alunos e abordagem inadequada. (FERRIANI; IOSSI, 1998).

Em uma sociedade que adota uma educação individualizada e que valoriza a diversidade, é necessário que a escola seja capaz de identificar os objetivos específicos da educação para cada aluno. Para alguns estudos, esta identificação é facilitada pelas 324 habilidades básicas identificadas pelo Sistema Brasileiro de Classificação da Docência (SBC), conforme a legislação brasileira. Contudo, muitos alunos não recebem apenas a educação básica, mas também uma formação específica, aumentando a pluralidade das habilidades necessárias para o sucesso escolar. Segundo Carvalho (2001), a educação deve planejar o aprendizado de habilidades essenciais, além de contextualizá-los na sociedade e no mercado de trabalho.

Até instâncias mais altas de governo admitiram os problemas causados pela cultura de carência na educação pública brasileira. O presidente Jair Bolsonaro, por exemplo, disse em entrevista ao jornal "O Globo" que a Escola Brasileira Normal Superior (EBS) é um dos locais onde ocorrem violações aos direitos humanos. Segundo ele, os professores estão pensando apenas no que é melhor para "eles mesmos", enquanto são responsáveis pela educação de outros.

Na opinião de especialistas, o Brasil precisa urgentemente rever a política educacional. Para quem não tem uma formação adequada para ensinar, a cultura de carência pode levar ao erro e ao descaso do professor com seu aluno. Além disso, a

não ter um contato direto com as cores, costumes e tradições culturais de outros povos pode contribuir para a limitação da hora de aprendizagem do aluno.

Um professor que apresenta o distanciamento cultural entre ele e as crianças pobres é culpado por estar excluindo as mesmas de uma interação plena com a cultura. A criação de escolas especiais para essas crianças, uma vez que possuem uma visão diferente da cultura, é a maneira ideal de lidar com este problema. Elas se verão lidar apenas com outros alunos da mesma idade, o que ajudará a reduzir o caráter preconceituoso para com as crianças pobres.

1. AVALIAÇÃO MEDIADORA

De acordo com o Dicionário Aurélio, mediação pode significar: ação, efeito, resultado, fato, ato, procedimento. É uma palavra derivada do latim *mediare*, que significa "entrevir", "aproximar", "fazer sentido", "encontrar uma solução". O verbo *mediar*, por sua vez, tem a forma de *meiãre*, que significa "fazer concorrer, facilitar". Ou seja, é um meio de ajudar os dois lados a chegar a um acordo.

A ação avaliativa é a atividade proposta pelo professor para avaliar a produção do aluno, ajudando-o a melhorar sua qualidade de produção escolar. A intervenção pode ser de grande ajuda para o aluno, pois permite aumentar a produção e a qualidade da aprendizagem do mesmo.

Nessa perspectiva, Luckesi (1995) vê a avaliação da aprendizagem como um ato de amor, baseado na noção de que a avaliação é acolhedora e inclusiva. Portanto, a avaliação não é final, resultado da preparação e conclusão da aprendizagem, e da classificação de quem é capaz e quem não é, mas sim um processo em que o sujeito desempenha um papel essencial e garante que o processo de aprendizagem seja eficaz.

Para tanto, é preciso entender a avaliação como a possibilidade de tornar-se ou tornar-se outro eu, e a construção de seres e cidadãos heterogêneos pertencentes a cada um e ao coletivo de uma sociedade. É a prática de quem realmente somos, moldando-nos a partir da nossa avaliação de nós mesmos e do processo de mediação

que empreendemos através da percepção-performance dos outros conosco, de uma perspectiva conversacional, outros comportamentos em nossa realidade atuamos na realidade de um para o outro. Portanto, a construção da identidade ocorre nos encontros com os outros, no processo de construção social, e não objetiva, sistemática e pontual. Portanto, as características avaliadas possuem outra dimensão.

Independentemente de a situação ser satisfatória ou não, ela pode ser considerada o status quo. É bem-vindo porque é um ponto de partida para qualquer coisa que você possa fazer com ele. Segundo os autores, a intervenção adequada não é possível sem aceitar a apresentação da realidade, pois qualquer outro ponto de partida seria enganoso e infundado. Avaliar nesse contexto significa refletir criticamente sobre a prática, ou seja, diagnosticar seus avanços e dificuldades e tomar decisões sobre “movimentos apropriados”. Assim, avaliar não é apenas verificar, mas sim analisar, interpretar, tomar decisões e reestruturar o ensino” (SILVA, 2002).

Segundo Furlan (2007), Hoffmann afirma que o ato de avaliar é uma interpretação cuidadosa e abrangente da resposta de um aluno a qualquer situação de aprendizagem, e é preciso entendê-la como seguindo uma trajetória que permeia a compreensão e a troca de ideias entre todos. Participantes, participantes de ações educativas. Então, nesse caso, avaliar um aluno significa primeiro acolhê-lo em quem ele é e como ele é, como ele é, e então, a partir daí, decidir o que fazer. Portanto, concordamos com Luckesi (1995) que avaliar é um ato de amor. "O ato de amor é o ato de acolher a situação, em sua verdade (como ela é)". Ao aceitar o status quo, o ato de amor é caracterizado pelo não julgamento. No entanto, o julgamento surgirá para orientar a vida (ação), não para excluí-la.

Os avaliadores precisam de um impulso para acolher a realidade que faz parte da vida do aluno, e sem esse impulso e atitude do avaliador não pode haver avaliação. Essa motivação leva a se aproximar cada vez mais da realidade.

Imagem 5: Aluno protagonista no ensino



Fonte: <https://pt.vecteezy.com/arte-vetorial/2560712-criancas-estudando-na-sala-de-aula>

Não podemos avaliar efetivamente um aluno se ele for excluído desde o início. Para a Luckesi, é uma atividade que possibilita a cada um de nossos professores: conexão com a profissão, ensino e competência consistente, compromisso permanente com a educação, atenção plena e séria a todas as nossas intervenções, flexibilidade no relacionamento com os alunos (LUCKESI, 2005, página 34).

Quando a prática de avaliação fornece evidências para a migração docente do professor, respeitamos a afirmação de que avaliação e aprendizagem não são separadas, mas não misturadas. A avaliação, assim como o ensino tem seus próprios elementos, de modo que é possível ensinar informado por um ponto chave e avaliar por outro. É muito importante considerar que a harmonia entre as conjecturas de ensino, aprendizagem e avaliação tem se mostrado como um dos mecanismos da qualidade do ensino, o que ressalta a necessidade de os professores se apropriarem dos fundamentos de suas práticas para trazer novos significados para perto e alinhá-los.



RESUMO:

A construção de uma nova cultura avaliativa requer a conscientização de todos os envolvidos, aprimoramento dos professores e dos educadores, e a utilização de aplicativos e ferramentas disponíveis na internet. Além disso, é importante que as instituições educativas se capacitem para elaborar projetos específicos de avaliação, o que poderá contribuir para o fortalecimento da educação em todos os níveis.



REFERÊNCIAS

- ALVES, Júlia Falivene. Avaliação educacional: da teoria à prática. LTC, 2016.
- BLOOM, B., H.; T.; MADAUS, G. Manual de avaliação formativa e somativa. São Paulo: Pioneira, 1983.
- CAMARGO, A. L. C. O discurso sobre a avaliação escolar do ponto de vista do aluno. Orientador: Luiz Carlos de Freitas. 1996. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. Campinas. 1996. Versões impressa e eletrônica.
- CAMARGO, A. L. C. Discurso sobre a avaliação escolar do ponto de vista do aluno. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan., 1997.
- FREITAS, Luiz Carlos de. Crítica da Organização do Trabalho pedagógico e da Didática. 7ª Ed. Campinas – SP, Papirus Editora, 1995. FREITAS (website Luiz Carlos de Freitas, 05/05/08).
- HAYDT, Regina Cazaux. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. São Paulo: Ática, 2000.
- HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma pratica em construção da pré-escola à universidade*. 32ª ed. Porto Alegre, Mediação, 2012.
- LACUEV A. La evaluación en la escuela: una ayuda para seguir aprendiendo. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan./dez., 1997.
- LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1995.
- LUCKESI, C. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 2000.
- LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem escolar. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LUDKE, Menga. O administrador Eescolar entre o mito da avaliação e os desafios de sua prática. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, n. 12, p. 51-57, 1995.
- NÉRICI, I. G. Didática: uma introdução. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1988.
- Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.



RUSSELL, Michael K; AIRASIAN, Peter W. Avaliação em sala de aula: conceitos e aplicações. A abrangência da avaliação em sala de aula. 7 ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

SANT'ANNA, Ilza Martins. Por que avaliar? Como avaliar?: Critérios e instrumentos. 7. ed. Vozes. Petrópolis 2001.

SANTOS, Ana Maria Maria Rodrigues Dos. Planejamento, Avaliação e Didática. CENGAGE, 2015.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.



**Av. Barão de Gurguéia, 3333B - Vermelha
Teresina - Piauí**

  **/malta**faculdade

 **www.faculdademalta.edu.br**